



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13793 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**SOMOS PARTE DA FLORESTA E A FLORESTA É UMA PARTE DA GENTE:  
IDENTIDADE DAS MULHERES DA FLORESTA NACIONAL DE TEFÉ**

Marcela da Silva Barbosa - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**“SOMOS PARTE DA FLORESTA E A FLORESTA É UMA PARTE DA GENTE”:  
IDENTIDADE DAS MULHERES DA FLORESTA NACIONAL DE TEFÉ**

O presente trabalho terá como objetivo apresentar o estudo sobre a construção da identidade das mulheres da Floresta Nacional de Tefé. Os povos das florestas e dos rios compreendem que a natureza e seus elementos são parte constituintes do corpo físico, e por isso, considerada como sagrada. Esta relação vai em contraposição ao capitalismo que concebe a natureza a partir de uma ótica pragmatista e utilitarista que promove destruição do meio natural. É dessa relação de respeito e comunhão recíproca que emerge ou se configura a identidade do caboclo ribeirinho. As mulheres da Floresta Nacional de Tefé constroem suas identidades a partir do respeito e cuidado para com a natureza e seus elementos. Desse modo, a pesquisa buscou justamente analisar o trabalho, modos de vida, as relações interpessoais e outros aspectos da vivência das mulheres da Flona são construídas a partir dessa relação de comunhão e respeito entre seres humanos e natureza.

**Palavras-chave:** Identidade; Mulheres; Comunidade; Floresta; Amazônia.

## INTRODUÇÃO

A sociedade capitalista em que vivemos decretou a separação entre ser humano e

natureza. A natureza para a mentalidade capitalista é concebida a partir de perspectiva utilitarista e pragmatista, estando à serviço do capital e do lucro. Esta mentalidade promove a espoliação e conseqüentemente a destruição do meio natural e dos seus elementos. A identidade do ser humano do mundo capitalista é construída a partir dessa ideologia ou mentalidade destrutiva onde a natureza não tem espaço nem importância. Quando voltamos nossas reflexões sobre as populações e povos tradicionais amazônicos, nos questionamos: é possível a construção de uma identidade que leve em consideração a presença e a importância da natureza comunidade e seus elementos? Partindo dessa problemática, o nosso objetivo principal é justamente analisar a construção identitária das mulheres da Flona de Tefé, Unidade de Conservação localizada na região do Médio Solimões, estado do Amazonas.

## **METODOLOGIA**

Metodologicamente, utilizamos a pesquisa-ação, a história de vida, a pesquisa bibliográfica e a fotografia. As fontes fotográficas foram resultado da convivência juntos às mulheres da Flona de Tefé, como pesquisadora desde o ano de 2019. Nesse período, desenvolvemos como fotógrafa, um trabalho voluntário no projeto das feiras agroecológicas. Que foi um projeto potente feito por mulheres para as mulheres. Na pesquisa junto às mulheres da Flona de Tefé, o ouvir nos permitiu adentrar ainda mais profundamente na compreensão dos aspectos socioculturais destas mulheres. Assim, as histórias de vidas, foram de suma importância para embasar as reflexões e análises sobre a cultura, o trabalho, as relações interpessoais, os desafios e outras dimensões da vivência das mulheres da floresta e dos rios.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

No desenvolvimento da pesquisa entendemos que falar da identidade das mulheres ribeirinhas é falar da cultura, do aspecto social que as envolve. São mulheres que nasceram no meio da floresta, nas margens dos rios, ou nas terras altas, chamadas de terras firmes. São vidas que se dão pela dinâmica dos rios e da floresta.

Nesta partilha de reflexão, começamos falando sobre a produção desses povos, dessas mulheres. Essa produção leva em consideração ou caminha de acordo com os ciclos da natureza. Ou melhor, é o meio natural que estabelece a dinâmica e o modo de vida dessas populações. Essa convivência harmoniosa é benéfica tanto para a natureza quanto para os seres humanos que dependem do meio natural para garantir os elementos necessários para a sua sobrevivência. “A produção alimentar, o extrativismo e a pesca são reveladores do modo de vida e das condições alimentares dos ribeirinhos” (SUERTEGARAY; OLIVEIRA;

DELFINO, 2016, p. 117). O modo de vida dos ribeirinhos da Flona de Tefé não está dissociado do meio natural. O meio natural dá ritmo à sua existência, e sua existência só tem sentido dentro do universo dos rios, lagos, igarapés, lagos, das florestas, dos animais e dos espíritos e encantados que as habitam, como diz Zurra (2011, p. 30):

Essas populações possuem seu modo de vida peculiar que as distingue das demais populações do meio rural ou urbano, possuindo sua cosmovisão marcada pela presença das águas. Para elas, as ressacas, os furos, o rio, o igarapé e o lago não são apenas elementos do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem.

Os ribeirinhos das Flona de Tefé procuram preservar com muito zelo a sua relação de respeito com o meio natural. Desse modo, desde pequenos, as crianças ribeirinhas da região vão pouco a pouco se conectando com os elementos naturais, de modo que sua identidade vai sendo formada em comunhão com o território. Nesse sentido, o meio natural não é algo separado, mas parte constituinte da sua personalidade e, por que não dizer, do seu próprio corpo. Nesse sentido, a natureza passa a ser entendida como algo sagrado, que é respeitado e divinizado pelos ribeirinhos em todos os seus elementos. Por isso, é comum nas comunidades da Flona de Tefé as referências aos seres sagrados que habitam os rios, lagos, igarapés e florestas. As histórias da presença desses espíritos e entidades são repassadas de geração em geração, educando as crianças e jovens para o respeito para com a natureza e seus elementos. Como diz Zurra (2011, p. 31):

Os ribeirinhos bebem na fonte do diálogo oral, do intercâmbio do saber oriundo de seus ancestrais, suas experiências de rio, de mata, de convivência dentro da comunidade. A perpetuação dessas experiências é concretizada de diversas formas: nos mutirões de plantação do roçado, nas conversas de terreiro, na cozinha de forno, nas noites de festa do padroeiro, nas pescarias, nas caçadas, nos cedros de lavar roupa e tomar banho, nos campeonatos de futebol, entre outras formas, todas elucidativas do potencial onírico e imaginário do sujeito da FLONA.

E esta forma de conceber a natureza que as mulheres trazem em sua cultura e em seu modo de estar no mundo. Essa identidade também é pautada e se “constrói numa relação de subalternidade ao gênero masculino” (FONSECA, s.d, p. 2)

As mulheres da floresta, as que participaram deste estudo, alegavam sempre que não tiveram a permissão de estudar quando crianças e jovens. Quem proibia era o pai, no papel do homem da família. Esse fato se coaduna com o que a autora citada nos apresenta para reflexão, ou seja, que nossa identidade é moldada na questão de gênero. Principalmente, quando se trata do acesso à educação. Como diz Rejane:

Eu queria muito estudar quando era nova, eu fiz até só o terceiro ano. Só que nosso pai não deixava a gente sair de casa, ele achava que a gente queria sair de casa para arranjar namoradinho, queria nada, só queria estudar. E a mamãe não dizia nada, por que ele dizia que se acontecesse alguma coisa, era culpa dela. E ela não queria carregar essa culpa, então não deixava a gente estudar, era mais meu pai mesmo.

Neste relato da Rejane, podemos perceber que o papel da mãe era secundário em relação ao do pai. A mãe se tornava culpada se ocorresse algo com as filhas, mesmo sabendo que o caminho da educação seria o inverso do caminho da roça. Outro ponto interessante para destacar é que a mulher da floresta tem o seu papel de agricultora, mãe, pescadora. O que a diferencia do papel atribuído ao homem na comunidade é o trabalho doméstico. Esse é realizado integralmente pela mulher, o que torna a jornada dessas mulheres triplicada se compara à dos homens.

Como explica Fonseca (s.d, p. 7), “quando se trata de papéis sociais das mulheres há que se levar em conta duas grandes dimensões da feminilidade, quais sejam, a vinculação das mulheres no trabalho doméstico e a maternidade, tidas como ‘naturalmente’ pertencentes ao mundo feminino”.

Mesmo com todas as suas dificuldades pautadas nas questões de gênero, as mulheres da Flona de Tefé são possuidoras de uma riqueza cultural que brota da vivência e da harmonia com o meio natural, bem como da convivência fraterna na comunidade.

Nesse sentido, esses povos, como um todo, constituem um pequeno fragmento do imenso e rico mosaico cultural que existe na Amazônia.

É importante falar por elas mesmas, quem elas são, como se sentem e como a floresta faz parte da sua vida. Como diz Machado (2018, p. 220-221).

As identidades se reinventam num fazer-se e viver-se coletivo. Tudo parece assumir outro sentido para os sujeitos que ali pertencem. As individualidades estão ali, recheadas de práticas comuns. Uma unidade que expressa um núcleo único e revelador de modos de vida.

Na pesquisa de campo, uma das perguntas feitas a essas mulheres era se elas se denominavam mulheres da floresta e o que significava a floresta e os rios para elas. Uma das entrevistadas, dona Edna Lopes disse o seguinte:

Eu me identifico como mulher da floresta, porque tudo que eu tenho, tudo que eu constituí, foi tirado da floresta, eu tiro da floresta, eu vou buscar na floresta. Eu tenho que cuidar dela, tanto ela me dar, como eu tenho que zelar ela.

A respeito do rio, dona Edna afirma:

Ah mana, o rio e a floresta é a minha vida, entendeu? Coisa que eu estou respirando, né? Uma coisa assim de Deus, é a natureza de Deus, o rio de Deus, né? Eu sempre digo assim, nós como ser humano, temos que cuidar das coisas que Deus deixou para nós, né? Porque se nós não cuidar, acaba.

A identidade como mulher da floresta é algo que elas afirmam com um sorriso no rosto e emoção nos olhos. É nítida na hora da conversa, debaixo das árvores, a emoção que transcorre, o vento batendo no rosto. Essa mulher da floresta se sente grata porque tem ciência de que tira da floresta o necessário para a sobrevivência e, por isso, tem que cuidar dela em troca. E se não cuidar dos rios, da natureza, tudo acaba.

Marcia Kambeba, em seu livro intitulado *Saberes da floresta*, essa relação com o rio é claramente uma identidade que os povos da Amazônia possuem, os indígenas e os não indígenas, pois esses povos estão interligados pela floresta e pelos rios. Essa interligação se dá pela preservação da floresta e pelo bem viver dos povos amazônidas.

O rio tem espírito, é formador de uma educação que não obedece ao curriculum escolar. Ele criou sua própria pedagogia, que se faz sentir no balançar das ondas do corpo desnudo, na pele encauchada do sol do verão. Esse ensino das aldeias respeita, os povos entendem numa conversa de mundos, de entes de ancestralidade. (KAMBEBA, 2020, p. 20).

Nessa reflexão, Marcia Kambeba apresenta essa questão dos rios, que é muito forte na nossa região amazônica, pois nossas estradas são nossos rios. Não conseguimos chegar a lugar algum se não for pelos rios, na nossa canoa, nos nossos barcos. Desde pequenas, as crianças ribeirinhas são ensinadas a nadar, por questão de sobrevivência, pois somos povos cujos territórios são arrodoados por águas. Aprendemos a ter respeito pelo rio, a temer a sua força. E o rio e a floresta são a conexão que representam a força que emanam dessas mulheres.

Cláudia, da comunidade do São Francisco do Bauana, observa o seguinte:

Me considero, mana, Deus me livre. Mana, o que vem da mata para gente, a castanha, a gente tira da mata o remédio que na mata tem, muitas vezes não tem aqui remédio da comunidade e a gente encontra por lá. Vem o açaí do extrativismo, a castanha, tudo vem, o óleo da andiroba. Tudo a gente tira de lá, abelha, tudo vem daí (apontando para floresta). O que eu quero mais?

Na perspectiva das mulheres, a floresta e os rios dão tudo. Da floresta, tiram

alimentos, remédios; do rio, tiram o peixe. Quando Cláudia indaga “O que eu quero mais?”, neste movimento, ela indica que essas mulheres já têm tudo, no que diz respeito à sua cultura e à sua identidade. Elas sabem o que sentem e principalmente o que são, mulheres agricultoras, mulheres presidentas de comunidade, mulheres animadoras de setor, mulheres líderes de grupos, mães, pescadoras, mulheres que não se limitam.

Desse modo, percebemos, no campo, que a relação da identidade/cultura das mulheres da Flona está ligada diretamente com os rios e a floresta, e essa integração social se dá no território da comunidade. A identidade da mulher da Flona é a configuração do lugar onde a cultura amazônica se manifesta em toda a sua plenitude. É um processo de identidade e de visibilidade na luta dessas mulheres tanto dentro da comunidade quanto para além, carregando nas suas múltiplas identidades a importância da floresta, dos rios e da sua ancestralidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final do presente trabalho se faz necessário tecer considerações. É na floresta e na comunidade, que os indivíduos se sentem seguros doando sua liberdade individual para um bem maior que é coletivo. Em muitas comunidades ribeirinhas na Amazônia, esse ideal de comunidade, ou seja, vivência baseada no bem comum se faz presente. A comunidade é um lugar de fortalecimento das identidades. Esta identidade está assentada na cultura, então se cria uma identidade coletiva de Florestania, cada pessoa com sua essência pessoal, mas suas ações são moldadas pelo comum. A consciência desta identidade traz consigo a consciência da preservação. As mulheres se intitulam mulheres da floresta, pois a existência da floresta se confunde com suas próprias vidas. Essas identidades estão relacionadas diretamente com a natureza e os rios. Desse modo, o presente estudo nos permitiu compreender que é possível a construção de uma identidade a partir da vivência da comunidade/natureza das mulheres. Uma identidade do cuidado, da relação dialética que se molda no lugar.

## REFERÊNCIAS

FONSECA, Rosa. A construção da identidade de mulheres e homens como processo histórico-social. **Disciplinas da USP** – Apoio virtual à graduação e à pós-graduação. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185064/mod\\_resource/content/1/identidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185064/mod_resource/content/1/identidade.pdf). Acesso em: 5 jan. 2023.

KAMBEBA, Marcia Wayna. **Saberes da floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

MACHADO, Rita de Cássia Fraga. Participação comunitária: a promoção da segurança e da liberdade. In: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; STRECK, Danilo Romeu (Org). **Participação: interfaces do Norte e Sul do Brasil**. São Leopoldo, RS: Karywa, 2018.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; OLIVEIRA, Mateus Gleiser; DELFINO, Elisa Caminha da Silveira. Ribeirinhos da FLONA de Tefé-AM: cartografia social na compreensão do modo de vida. In: HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (Orgs.). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. p. 103-127.

ZURRA, Raiziana Mary de Oliveira. **Narrativas da Floresta Nacional de Tefé: expressões de saber do aluno ribeirinho e a sua transposição didática para o ensino de Ciências Naturais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2011.